



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO VI - Nº 75 - 2ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 1994 - R\$ 0,35 - SOLIDÁRIO: R\$ 0,70

**Contra a burocracia sindical divisionista  
Levantar o movimento unitário  
das massas para derrubar o Plano**

**VOTE NULO  
NO PROGRAMA  
REVOLUCIONÁRIO:**

- 1. Contra todos os partidos burgueses**
- 2. Combater o plano Real que congela nossos salários**
- 3. Defender a ação direta das massas**
- 4. Construir o Partido Operário Revolucionário**
- 5. Pela Revolução e pela Ditadura do Proletariado (Governo Operário e Camponês)**

**Defendamos a nação oprimida Haiti contra a  
intervenção militar imperialista**

# Contra a burocracia sindical divisionista

## Atuar no interior das massas em defesa da luta com vitória

**Nacional**

A greve metalúrgica do ABC indica uma tendência de luta da classe operária, barreada pela política burocrática e conciliadora das direções sindicais com os capitalistas. Ela ocorre numa situação extremamente favorável para uma mobilização mais ampla do proletariado. Mais de um milhão de trabalhadores estão em época de campanha salarial, abarcando de petroleiros a bancários. As possibilidades de unificação dessas campanhas num só levante nacional contra o Plano Real e o governo estão dadas.

Desde agosto, a burguesia tem utilizado sistematicamente a imprensa burguesa para combater o chamado "setembro negro", que denomina o mês de ampla luta. Vicentinho, presidente da CUT e homem chave do PT, correu a explicar que não era intenção da Central desencadear uma poderosa mobilização, que viesse prejudicar a democracia e as eleições. Assim respondeu às pressões burguesas e governamentais de que a greve dos petroleiros unificada com os bancários e outras camadas de assalariados prejudicaria a candidatura de Lula. Ao contrário da postura de Vicentinho, Lula e Companhia, os petroleiros estavam com a greve engatilhada e dispostos à unidade com os demais setores.

A direção dos bancários, que atende mais ao cabresto de Vicentinho (corrente Articulação do PT), vem trabalhando intensamente para desfazer as pressões das bases e eliminar as tendências à unidade grevista presentes entre os trabalhadores. Ocorre

que as lideranças reformistas são adversárias ferrenhas à unidade das lutas, porque esta potencia as massas contra a burguesia, o Plano Real e o governo dos capitalistas.

No quadro eleitoral, o reformismo torna-se ainda mais feroz contra a unificação, pois se encontra sob a poderosa pressão da burguesia para que defenda o método eleitoral contra o método de ação direta dos oprimidos. A greve metalúrgica somente foi decretada porque o Ministro da Fazenda Ciro Gomes se opôs que as montadoras dessem uma migalha de abono. Finalmente, a greve metalúrgica saiu isolada dos petroleiros, bancários etc, quando a CUT tinha todos os meios para planejar a ação conjunta.

Essa é a via da derrota dos metalúrgicos e da desmoralização dos demais assalariados. Procura-se, dessa forma, quebrar as tendências gerais de luta das massas porque estas se contrapõem objetivamente ao Plano Real e se chocam com toda demagogia eleitoral. A defesa de uma plataforma unitária de luta e da bandeira de derrubada do Plano antinacional e antipopular é decisiva para nos contrapormos à traição da burocracia reformista da CUT e do PT.

Trata-se da vanguarda revolucionária trabalhar no seio das massas e encarnar a tarefa da construção da unidade dos trabalhadores contra a unidade dos capitalistas organizada a partir do Estado, dos partidos e das eleições.

Chega de divisão dos assalariados para beneficiar os exploradores, seu governo e o Plano antinacional!

Toda unidade dos metalúrgicos, petroleiros, bancários, têxteis etc.

Organizar os comandos unitários de luta!

Convocar as assembléias e as manifestações de rua!

Abaixo a exploração capitalista!

Pela vitória dos metalúrgicos contra o governo e os patrões!

**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**  
**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO**  
**PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO  
NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA  
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970



# A ascensão do oligarca **Ciro Gomes**

A queda do ministro Rícúpero tem causas que vão além da denúncia das antenas parabólicas. Foi a gota d'água de um processo de crise no interior do governo ao redor da condução da política econômica. Nos bastidores do governo, a luta travava-se entre as frações da burguesia: divergências quanto ao ritmo e a forma das privatizações, choques em torno das propostas de reajustes do funcionalismo e dos militares, inquérito do Procurador Geral da República contra Itamar sobre o uso da máquina do governo na campanha eleitoral e divergências ao redor das novas medidas do plano econômico (emendação, importações, taxas de juros).

Rícúpero representava os interesses dos setores mais abertamente pró-imperialistas. Sua gestão era continuadora de Fernando Henrique Cardoso. Pretendia acelerar a abertura de mercado com redução dos impostos de produtos importados e aumentar a recessão através de medidas como a criação de um compulsório sobre o consumo. Já tinha apresentado uma proposta de "emendação", a ser implementado logo após o primeiro turno das eleições. Através dele, pretendia atacar a previdência social, acabando com a aposentadoria por tempo de serviço, privatizar de forma camuflada a Petrobrás e Telebrás, aumentar impostos e cortar verbas de estados e municípios. Divergia de Itamar, que queria deixar essas questões

para o próximo governo. Itamar expressa interesses oligárquicos regionais. Pretendia pôr um ritmo mais lento às privatizações e deixar a questão da previdência e da reforma fiscal para o futuro. Rícúpero chegou à ameaça de renúncia no episódio do reajuste dos soldos militares.

A conversa captada pelas parabólicas detonou sua substituição. Fernando Henrique logo se comunicou com Itamar e indicou preferência por seus assessores Bacha ou Malan para ocuparem o cargo. Itamar se reuniu com os ministros militares e assessores diretos para analisar a situação. Antônio Carlos Magalhães (PFL) defendia um nome do nordeste, **Ciro Gomes**, no que coincidia com Itamar. Assegurado que o plano Real seria mantido na sua essência, acordou-se que o substituto seria **Ciro Gomes**, em detrimento dos assessores de FHC.

**Ciro Gomes** é da cúpula do PSDB. Governador do Ceará, expressa os interesses dos setores que se apresentam como "modernos" no interior da oligarquia nordestina, ligados à implantação de pólos industriais no nordeste. Manterá na essência o plano Real. Reduziu taxas de importação, favorecendo o capital estrangeiro. Pressionou as montadoras de veículos para que não dessem aumento aos metalúrgicos às vésperas da greve no ABC. Mas defende um ritmo mais lento nas privatizações (entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*,

11/09/94), e, na medida do possível, os interesses das oligarquias regionais: já liberou mais de um bilhão de reais para o crédito agrícola, ou melhor, para os usineiros.

A ascensão de **Ciro Gomes** é o fortalecimento dos setores oligárquicos no governo. Indica, em geral, um ritmo mais lento que o pretendido por FHC (pelo imperialismo) para a aplicação do neoliberalismo. Reflete que acirram-se os choques entre as frações burguesas, apesar da unidade no campo da disputa presidencial. Mas também mostra que há acordo geral no essencial do plano Real, e que vai ser aplicado, a não ser que o movimento de massas reaja e enfrente a ofensiva neoliberal. Para isso, é necessário romper com a política colaboracionista do reformismo, que para não perder votos sustenta o plano antinacional e antipopular, e se colocar pela política de independência de classe do proletariado.

Nacional



## Orçamento de 1994 ainda não foi votado

O Congresso ainda não votou o Orçamento de 1994. Itamar vinha administrando a máquina do governo através de medidas provisórias e emendas ao orçamento. Mas o Congresso iniciou o processo de votação e não terminou. Agora o governo tem um bom pretexto para não liberar verbas para previdência, educação etc.: a lei não permite que ele faça novas medidas provisórias enquanto o Congresso não terminar a votação do orçamento de 1994. O governo, que estava emitindo muito dinheiro para cobrir os rombos da administração pública, agora pode fechar as torneiras.

Os deputados preferem fazer suas campanhas eleitorais. Só voltarão a Brasília depois de 5 de outubro. Até lá, ou tudo fica parado ou se faz um "acerto" com o executivo e o judiciário para que o governo continue administrando os recursos ainda sem a votação.

O episódio mostra a formalidade da democracia burguesa. O Congresso de fato decide muito pouco. O presi-

dente pode governar através de medidas provisórias, e ir renovando as mesmas. Basta contar com o apoio do imperialismo e dos militares para continuar governando.

A democracia burguesa é mesmo uma ditadura de classe da burguesia sobre os assalariados. A enganação dos parlamentares nas eleições, dizendo que vão fazer isso ou aquilo, é tudo uma farsa.

Os trabalhadores precisam tomar seu destino nas próprias mãos, não acreditar na conversa mole da burguesia e de seus lacaios e utilizar a ação direta e unitária das massas para lutar pelo fim do capitalismo e pela construção do governo operário e camponês, que exercerá a ditadura do proletariado sobre a burguesia parasita.

# Plano Real: prepara-se novo golpe contra os assalariados

O índice de inflação oficial de 6% mostra que está em andamento uma nova fase de expropriação salarial. Enquanto os salários estão congelados, os preços sobem, mais devagar que antes do Real, mas sobem. O deputado Delfim Neto diz que enquanto durar o congelamento dos salários, o plano Real estará seguro. Nota-se que um dos pilares do plano é o congelamento de salários.

A queda da inflação, que já batia nos 50% mensais, para os atuais 6% deve-se à supervalorização artificial do real em relação ao dólar. O governo, baseado nas reservas cambiais, simplesmente parou de comprar dólares e forçou a queda da moeda americana. Acontece que boa parte da indústria nacional está voltada para a exportação, e isso significou a redução de 10% nos valores dos produtos. A queda dos lucros das empresas é compensada pelo governo através do arrocho salarial. Ou seja, os assalariados pagam a conta da manobra do governo para baixar a inflação.

## A essência do plano Real: aplicação do neoliberalismo

O plano Real não pode ser entendido apenas como a queda da inflação. É um plano muito mais amplo e representa a aplicação do neoliberalismo ditado pelo FMI ao país. É a continuidade da política antinacional e antipopular de Collor. Começa no

ano passado com a criação do Fundo Social de Emergência. Cortou verbas da educação, saúde e moradia para criar as condições para pagar os compromissos da dívida externa. Depois, ao anunciar que seria criada a URV, iniciou uma escalada inflacionária que devorava 2% dos salários por dia. Converteu primeiro os salários para a URV, pela média, e deixou os preços livres. Converteu depois tudo para Real, e as remarcações comeram mais um pedaço dos salários. Agora, a inflação em real continua desvalorizando os salários.

O governo anunciou que não vai esperar até a nova revisão constitucional para prosseguir com o plano. Vai lançar um "emendão" para prosseguir com a aplicação do neoliberalismo: vai atacar a previdência; privatizar a Petrobrás e Telebrás, entregando-as ao capital estrangeiro; aumentar impostos e cortar verbas de estados e municípios. Já reduziu impostos de 13 mil produtos importados, abrindo ainda mais a economia nacional. Essa é a essência do plano: entrega nacional, ataque aos serviços sociais públicos, aumento de impostos, recessão e arrocho salarial.

## Inflação permanece

Os índices de julho e agosto mostram que a inflação continua viva. Os empresários debatem com o governo quando serão aumentados os preços. A proposta de acordo sobre preços é usada como instrumento de barganha da indústria nacional contra a redução de impostos de importados e favorecimento da importação. Mas mostra que não será possível conter os preços nos patamares atuais por muito tempo.

O Brasil possui traços diferenciais de outros países onde foram aplicados planos semelhantes e se estabilizou a inflação, como Bolívia, por exemplo. A indústria aqui é de dimensões bem maiores. O capital financeiro também é maior e funciona de forma diferente: tem um parasitismo vital em relação à especulação financeira. A distribuição dos produtos também é monopolizada e tem ligação estreita com a aplicação no mercado financeiro. Por isso a disputa entre as frações

burguesas ao redor do ritmo e forma da aplicação do neoliberalismo é muito maior.

O conteúdo do neoliberalismo é a destruição massiva de forças produtivas, para favorecer o capital estrangeiro. Sem destruir massivamente as forças produtivas, o plano de estabilização monetária não terá sucesso, a alta inflação voltará.

A destruição de forças produtivas se manifesta através da recessão. E o plano Real pretende aumentar a recessão. O governo estuda medidas de contenção do consumo, além dos juros altos e da abertura das importações. Isso vai reduzir ainda mais a produção nas fábricas, causar desemprego, e se somará ao arrocho salarial, para atormentar ainda mais o assalariado.

## A saída é a luta para derrubar o plano

O plano Real é antinacional e antipopular. Não pode ser reformado. Tem que ser liquidado. Para os trabalhadores, trata-se de defender o direito ao trabalho e ao salário, o direito de sobrevivência, sua e de sua família, que o capitalismo só concede a uma parcela da classe. Por isso é preciso lutar contra o congelamento dos salários, contra as demissões, contra a destruição dos serviços sociais públicos, contra a entrega nacional e em defesa de um salário mínimo real (550 reais), da reposição de todas as perdas, da escala móvel de salários e de emprego, fim das demissões, em defesa da saúde, previdência, educação e moradia para todos, fim das privatizações e reestatização das privatizadas com controle operário, rompimento com o imperialismo e desconhecimento da dívida externa.

Realizar uma campanha nacional de luta que ponha abaixo o plano, essa é a tarefa das organizações de massa. Exijamos isso da CUT, dos sindicatos, das associações populares, das organizações estudantis. Que elas rompam com a política reformista que sustenta o plano e chamem à luta nacional de massa para derrubá-lo.

Nacional



# Eleições: mantém-se utilização da máquina Votemos nulo contra os partidos patronais!

A queda de Rícúpero não mudará o engajamento do governo na disputa presidencial. A utilização da máquina do governo na campanha eleitoral de FHC deve manter-se e até aumentar. Não é um fenômeno particular ao Brasil, mas um traço da democracia burguesa em qualquer lugar. Nos países capitalistas desenvolvidos (imperialistas), os governantes nem precisam deixar o governo para concorrer nas eleições seguintes. Utilizam a máquina governamental até às vésperas das eleições. Os reformistas difundem a ilusão de que é possível impedir isso no interior do capitalismo. Mas a democracia burguesa funciona como uma máquina a serviço da classe que a criou: a burguesia. Nas eleições, prevalece o poder econômico. A corrupção é um dos alicerces da democracia burguesa e de seu regime político. Ciro Gomes continuará trabalhando pela vitória de FHC, o candidato mais comprometido com a aplicação do neoliberalismo.

## PT continua na mesma

As pesquisas mostraram que o episódio das parábolicas não modificou muito o quadro eleitoral. Apesar de todo esforço do PT em destacar o episódio da conversa de Rícúpero, as pesquisas continuam indicando a vitória de FHC.

O PT vinha numa linha de apoio cada vez mais aberto ao plano Real, criticando apenas o arrocho salarial. Essa linha tem sido traduzida nos sindicatos através da conciliação de classes. Apesar do setor operário ter sido o mais atingido pelo arrocho, os dirigentes sindicais petistas negam-se a desenvolver a unidade grevista contra o plano. Os bancários de São Paulo têm perdas de 119%, mas o boletim do sindicato convocando para a assembléia geral indicava que já aceitaria negociar a reposição a partir de 43%, e parcelados. A burocracia sindical metalúrgica do ABC já tinha chegado a um acordo com os patrões ao redor de um abono de 13%, não incorporado aos salários. O ministro Ciro Gomes impediu o acordo, vetando o repasse do abono aos preços dos carros. A greve só aconteceu por isso, senão a burocracia teria enterrado a mobilização.

Os reformistas não conseguem fazer as intenções de voto em Lula crescerem, mesmo sustentando o plano, porque não conseguem atrair mais setores do poder econômico para a campanha lulista. As tentativas de

aproximar Quéricia e Brizola naufragaram. A frente anti-Cardoso também, porque o PPR já fala no apoio a FHC. As manobras judiciais para tentar impugnar FHC foram rechaçadas pela burguesia.

O reformismo pretendia ser o pivô de uma aliança com setores da burguesia num governo democrático e popular. Acaba ficando como ator secundário, relegado ao papel de obstáculo à unificação das lutas de massa contra a burguesia.

## PSTU mantém apoio a Lula. Não chama a luta para derrubar o plano

O PSTU continua a reboque do reformismo. Sua política é apoiar a eleição de Lula a qualquer preço. Primeiro lançou um programa radical e chamou o PT a incorporá-lo. Disse que se o PT assim não o fizesse, acabaria fazendo um governo pró-imperialista. O PT nem deu bola e o PSTU continuou apoiando. Veio o escândalo de Bisol. O PSTU ficou pedindo sua substituição, que demorou mais de um mês para acontecer. Em nenhum momento o PSTU cogitou romper com a frente que sustentava o corrupto. Depois da substituição, esqueceu o caso, como os outros partidos comprometidos com a corrupção até a alma. Depois da ascensão de FHC, o PT passou da posição ambígua para o apoio aberto ao plano de estabilização. O PSTU critica o plano, mas continua a apoiar o reformismo frente populista que o sustenta. Acaba, assim, como sendo cúmplice da sustentação do plano Real feita pelo reformismo.

Os militantes de base do PSTU devem questionar a política seguidista de sua direção partidária. Trata-se de romper imediatamente com essa frente e chamar o voto nulo, única alternativa, nas atuais circunstâncias, de independência de classe e defesa das condições de vida das massas nessas eleições.

## Lançado panfleto conjunto em defesa do voto nulo

O Coletivo Marxista, da Paraíba, e a TPOR, acabam de publicar um manifesto conjunto em defesa do voto nulo. Trata-se de defender a construção do partido revolucionário, que nas eleições denuncia a farsa da

democracia burguesa, defende a ação direta das massas e o programa da revolução proletária.

Nacional



## Fortaleza - As contradições do PSTU

A candidatura de Rosa da Fonseca para o governo do estado (Ceará), uma militante do Partido Revolucionário Operário (PRO), expôs cruamente a política eleitoreira

e oportunista do PSTU, colheu em seu interior tal corrente. O PSTU entregou sua legenda a um nome melhor situado eleitoralmente, renunciando assim à candidatura própria.

Finalmente, procurou se integrar à Frente Popular do PT no estado. A direita do PT (Articulação) o enxotou. Em seguida, se colocou por detrás de uma candidatura alheia, a do PRO, uma corrente comprometida no passado recente com o PSB do Sr. Arraes, um homem vinculado a uma das frações oligárquicas de Pernambuco. Expulso regionalmente da Frente Popular, o PSTU continuou a in-

tegrá-la nacionalmente, submetendo ao caudilhismo da "candidatura operária de Lula".

Em fins de agosto, abriu-se uma crise entre o PSTU e o PRO, motivada pela declaração de Jorge Paiva em favor da renúncia das candidaturas do PT e do PSTU/PRO e adoção de um outro candidato do PT. Jorge Paiva, dirigente do PRO, admitia apoiar uma candidatura petista, que não fosse a de Joaquim Cartoxo, desde que, em troca, a "Frente da Cidadania (nome da Frente Popular do Ceará) apoiasse para o senado a candidatura de Maria Luiza Fontenelle, também do PRO.

Em nome da "unidade das esquerdas para derrotar a oligarquia", o dirigente do PRO propôs retirar a candidatura de Rosa da Fonseca, pensando no grande lucro que teria carreando os votos petistas para Maria Luiza Fontenelle. Está aí um bom negócio, uma vez que os votos para Rosa seriam ridículos, considerando as pretensões eleitorais do PRO. O PSTU paga, assim, caro pelo seu oportunismo, pois acabou sendo legenda de um "cavalo de Tróia".

Romildo Raposo, dirigente do PSTU, correu a desautorizar Jorge

Paiva. Porém, a própria Rosa apoiou publicamente a posição de Paiva. A proposta de renúncia só não foi para frente porque o PT não achou bom negócio trocar seu candidato.

Para agravar o quadro, Jorge Paiva, respondendo ao repórter do "O Povo", admitiu trocar o bônus de campanha por um valor menor, expedindo recibo de valor maior. Diante do escândalo, o PRO correu a explicar que estava testando o interlocutor, que poderia ser um enviado do PT.

Vejam a que ponto a esquerda eleitoral se afunda na corrupção. O PSTU, diante de tamanho descalabro do PRO, nada fez, mantendo a coligação com o podre PRO. Essas relações eleitoral-oportunistas por si só demonstram até onde chegaram os revisionistas do trotsquismo. Um partido marxista que trabalha pela revolução proletária se contrapõe frontalmente a esses métodos e condutas burguesas de atuação política.

(No próximo Massas, analisaremos o programa da candidatura do PSTU-PRO).

## Altamira ilude com a "candidatura operária" de Lula e esconde a crise revolucionária na Bolívia

Jorge Altamira, dirigente do Partido Operário da Argentina e por extensão de Causa Operária (CO) no Brasil, proferiu palestra na UECE com o tema "A crise na América Latina e as eleições presidenciais no Brasil", na segunda quinzena de agosto.

Durante a palestra defendeu concepções exitistas sobre os acontecimentos do Leste Europeu e sobre a remoção de Collor no Brasil, onde Causa Operária defendeu a antecipação das eleições gerais. Nesses dois pontos, sua posição foi bem parecida com as da Convergência Socialista (PSTU).

Assim como o PSTU, CO capitula perante o eleitoralismo da frente popular ao chamar o voto em Lula, por considerá-la uma candidatura operária. Lula nunca moveu uma palha para unificar e fortalecer a luta dos operários que sofrem as terríveis consequências dos planos dos

governos pró-imperialistas. Pelo contrário, sempre preferiu o caminho das negociatas parlamentares demagógicas e articulações com os empresários para financiar sua campanha. Só os desinformados e os falsificadores afirmam que Lula é uma candidatura operária, os marxistas não devem esconder a verdade.

Um militante da T.POR perguntou a Altamira as causas da omissão do PO argentino e CO durante as jornadas de abril-maio na Bolívia. Altamira afirmou desconhecer qualquer "levante" na Bolívia desde os 70. E se houve esse levante a imprensa burguesa não noticiou. Aí estaria o motivo da imprensa de seu partido também virar as costas para a crise boliviana.

A verdade é que Jorge Altamira só lê na imprensa burguesa o que lhe interessa, pois o Clarim noticiou a heróica greve de fome, a greve geral por tempo indeterminado que a seguiu e o confronto dos camponeses com a tropa de choque. Ocorre que PO se negou a fazer campanha contra a repressão social aos grevistas de fome, sequestrados da COB, pertencentes ao Partido Operário Revolucionário da Bolívia, organização trotsquista adversária do revisionismo.



## Fortaleza

### Cúpula local do PT é vaiada em comício de Lula

Lula esteve em Fortaleza e realizou comício em 18 de agosto.

O comício contou com pouco mais da metade do público de 1989, o que mostra um certo desgaste dos reformistas.

Durante o discurso de Guimarães, um dos "donos" do PT, ouviu-se da multidão uma sonora vaia. Outros nomes do PT e PSB também foram vaiados, ainda que em menor escala.

A vontade de muitos militantes era de apedrejar Guimarães em repúdio a sua descarada corrupção política que ficou evidente na sua defesa radical do

acordo entre o PT e PSDB. Inclusive um dos importantes líderes da juventude petista o vaiou, tendo, entretanto, de esconder o rosto com uma bandeira para não sofrer represália da comissão de ética do PT.

É preciso que os militantes honestos de base rompam com Lula que foi um dos maiores defensores do acordo PT-PSDB no Ceará e com a política de colaboração de classe da frente popular. Rompam em favor programa da revolução proletária e da construção do Partido Operário Revolucionário.

### Realizado primeiro debate sobre as resoluções do IV Congresso da TPOR

Em São Paulo, dia 09, debatemos as resoluções programáticas do nosso IV Congresso. A presença de simpatizantes do POR e de outras correntes que se reivindicam do trotskismo contribuiu para o debate.

Na exposição, explicamos os conceitos fundamentais da resolução:

1) Defesa do Programa de Transição da IV Internacional, em especial dos seguintes pontos: a) caracterização da crise mundial de direção revolucionária e amadurecimento das condições objetivas para a revolução proletária; b) elaboração do método da revolução permanente, a partir da defesa da ação direta das massas por suas reivindicações imediatas e transitórias, rumo à conclusão da necessidade da destruição do capitalismo e construção do socialismo, através da revolução proletária.

2) Análise da situação internacional e nacional. A situação é determinada em geral pela crise mundial de superprodução capitalista, produto da contradição entre o enorme potencial produtivo desenvolvido e a apropriação privada, manifestada na estagnação do mercado mundial. Essa crise é respondida pelo imperialismo através da destruição das forças produtivas e reconcentração de mercados e capitais. Manifesta-se na linha de protecionismo imperialista com a formação de blocos econômicos,

restauração capitalista no Leste Europeu, Rússia e China e recolonização dos países semicoloniais (aplicação do neoliberalismo). No Brasil, essa crise se manifesta e a aplicação do neoliberalismo aprofunda as divisões entre as frações burguesas, resultando na crise do regime político.

3) O Brasil é um país semicolonial, capitalista atrasado. Sua formação econômica e social esteve desde a colônia ligada aos interesses das metrópoles. O Estado reflete o atraso, é controlado pelas oligarquias e aplica a linha neoliberal, por pressão do imperialismo. Essa característica histórica determina o caráter da revolução nos países capitalistas atrasados, ou seja, a revolução proletária combinará as tarefas democráticas pendentes com as tarefas socialistas. A revolução será de maioria nacional oprimida dirigida pelo proletariado. Será ao mesmo tempo uma revolução nacional (de libertação do imperialismo) e social (de expropriação da burguesia).

4) O reformismo resgata a linha estalinista de colaboração de classes, com a estratégia do governo democrático e popular, ou de unidade nacional. Pretende estabelecer um governo saído das eleições, de coalizão com setores burgueses considerados progressistas. Almeja tornar-se confiável à burguesia e desenvolve uma linha de conciliação de classes nos sindicatos e na

CUT, anulando-os como instrumentos de luta unitária.

5) As correntes de esquerda capitularam frente ao reformismo. Um desintegraram-se no interior do PT e outras formaram o PSTU, que não se diferencia no essencial do reformismo. Está colocada a necessidade de construção de um partido autenticamente revolucionário, marxista-leninista-trotskista.

6) No momento, está colocada a luta para derrubar o plano neoliberal, expresso no plano Real. Nas eleições, trata-se de intervir denunciando a democracia burguesa e os partidos burgueses e defendendo o programa revolucionário e a ação direta das massas. Isso só pode ser feito chamando-se o voto nulo, pela ausência do partido revolucionário e pela integração do reformismo ao estado, sustentando agora o plano Real.

Nacional



# Causa Operária realiza V Congresso

Depois de vários anos a corrente Causa Operária realizou seu V Congresso, o que demonstra que seus dirigentes não têm zelo pelos estatutos e que se encontra em estado de burocratização. O Congresso é fundamental para a formalização da linha programática e preparar o partido frente a novas situações da crise capitalista. Na fase embrionária da construção de partido, o assentamento das bases programáticas ganha projeção, proeminência. Ainda não tivemos acesso à resolução integral do Congresso, mas pelo seu jornal podemos observar que os dirigentes de Causa Operária não estão preocupados com o programa, apenas com a linha conjuntural. Saberemos mais precisamente sobre esta avaliação diante da Resolução aprovada.

Tomando a "Declaração Política do V Congresso Nacional de Causa Operária", impressa na edição de 1 de agosto, observamos que toda a atenção esteve voltada para o apoio à candidatura Lula. As eleições, a candidatura Lula e a Frente Popular é o centro das formulações políticas, embora a Declaração comece pelo Plano Real ("Abaixo o Plano Real"). O que nos chama a atenção é que o Congresso apenas homologou uma linha já pré-estabelecida e colocada em prática desde o V Congresso da Cut, momento em que Causa Operária decidiu apoiar abertamente o candidato do PT e da Frente Popular. Isto indica que tudo já estava resolvido em família. O Congresso foi uma formalidade de ocasião.

## O Centro da Declaração "Votar em Lula e nos candidatos operários"

A declaração, neste ponto, inicia colocando em posição diametralmente oposta a candidatura de Fernando H. Cardoso e a de Lula. Diz: "A pouco mais de dois meses das eleições apresenta-se um quadro de polarização do processo eleitoral entre duas candidaturas: de um lado o candidato do imperialismo, dos banqueiros (...); de outro lado, a candidatura tradicional do movimento operário Luis Inácio Lula da Silva (...).

O raciocínio da declaração é o seguinte: a vitória de Fernando H. C. é a vitória da burguesia, a de Lula é a vitória da classe operária e demais oprimidos. Esta maneira mecânica de ver a polarização das candidaturas conduz a um grave erro. Causa Operária desconsidera que a vitória de Lula é a vitória da Frente Popular, ou seja, da estratégia de um governo de coligação do PT com alguns dos partidos burgueses, e, inclusive, o próprio PSDB. Os pseudo-trotskistas fecham os olhos para aquilo que o PT apregoa como objetivo político de sua campanha. Emerson Kapaz, organizador do comitê empresarial de apoio ao PT, explica que o PT não terá problema em governar porque proporrá ampla coligação. O seu programa é compatível com o tal objetivo, uma vez que é um misto de neoliberalismo e nacio-

nalismo, ou seja, uma micelânia que concluirá como pró-imperialistas.

Lula também deixou claro que, se eleito, colocará empresários em ministérios. Porém, não se trata apenas de declarações. A CUT e os sindicatos vêm sendo colocados a serviço da política de conciliação de classes. Causa Operária tem consciência ou não de que Lula e sua Frente Popular são parte da sustentação do Plano Real? Esta bandeira de votar em candidatos operários, quando estes representam a Frente Popular e estão empenhados na defesa do capitalismo, é um trapo utilizado pelos esquerdistas para obscurecer sua adaptação ao reformismo e ao democrático eleitoreiro. É preciso que se diga também qual é o caráter de classe do PT e da Frente Popular. Apenas a origem do candidato não basta.

## Governo das organizações operárias e camponesas

Uma corrente que manobra com a estratégia a cada situação eleitoral está penetrada de oportunismo. Antes do PT ganhar força eleitoral, Causa Operária inscrevia nos seus documentos e propaganda a estratégia do governo operário e camponês, qualificada como ditadura do proletariado. Depois, substitui-a pela bandeira de um "governo dos trabalhadores de Lula e do PT", quando estes já encabeçavam a Frente Popular (1989). Ao identificar este governo com o governo operário e camponês, Causa Operária demonstrou atitude volúvel e oportunista frente ao princípio marxista da ditadura proletária. Agora, muda novamente para "governo das organizações operárias e camponesas". Qual é a razão? O que mudou? A simples expulsão das esquerdas do PT, incluindo Causa Operária, justifica? A Frente Popular não é a mesma de 1989? O candidato não é o mesmo? O programa não é o mesmo? E as organizações operária e camponesas burocratizadas também não são as mesmas?

A resposta a esta nossa pergunta deve ser um segredo da cúpula dirigente, porque ninguém encontra a resposta. Porém, o que é grave nesta formulação? Ela apenas muda a forma para o mesmo conteúdo. Trata-se do governo de Lula, que encarna a Frente Popular, apoiado nas organizações controladas pela burocracia. Eis a formulação concreta de Causa Operária: "E para o atendimento das necessidades do conjunto da população é preciso lutar não apenas pelo governo de um operário, mas pelo governo do conjunto das organizações de luta dos operários e camponeses".

Trata-se de oportunismo e reacionarismo pequeno burguês, muito dado à fórmulas, colocar a formação de um governo das organizações de operários e camponeses a partir das eleições. Não é por acaso que a declaração não diz por que via se chegará a tal governo e qual é o instrumento necessário. Se assim o fizesse, ficaria evidente o absurdo dessa formulação estratégica e revelaria o eleitoralismo. A estratégia do governo operário e camponês tem por conteúdo a ditadura do proletariado, por método a insurreição armada e por instrumento o partido revolucionário. Sem clareza da estratégia programática não tem como o partido se colocar claramente frente à situação das organizações operárias e camponesas e no interior da luta eleitoral (da democracia burguesa).

Como vemos, o V Congresso de Causa Operária aprofunda a revisão do Programa de Transição e se afasta mais ainda do marxismo-leninismo-trotskismo. Esperamos que a militância de base abenegada reaja a tempo.





# XIII Congresso Estadual da Apeoesp

## Avaliação Política

O Congresso foi realizado no final de agosto e contou com a presença de 2300 delegados, eleitos nas escolas. As teses não foram apresentadas em plenário e sim votadas nos grupos. Estes, extremamente esvaziados, votaram como tese-guia o documento apresentado pela diretoria.

Um dos problemas do Congresso foi a falta de preparação. Os delegados, na sua maioria, desconheciam as teses inscritas para o debate e acabaram sendo arrastados para posições da direção (Corrente Articulação). O eleitoralismo petista foi a tônica. As correntes (PSTU, O Trabalho, Causa Operária etc) propuseram a resolução de que a Apeoesp definisse o seu apoio a Lula. A diretoria, demagogicamente, se opunha. Mas, na prática, efetivava o apoio às candidaturas da Frente Popular.

A Corrente Proletária na Educação defendeu a tese 7, contrapondo a linha do reformismo petista. Apresentou a resolução de voto nulo nas eleições gerais, assentada na caracterização da frente popular. Um governo saído das eleições, de coalizão com setores do capital, só pode ser contrário aos interesses dos trabalhadores. Essa posição foi minoritária nos grupos, o que inviabilizou a sua defesa em plenário.

Na discussão da situação política, a diretoria enfatizou os "aspectos negativos do Plano FHC", o que implica na luta pela sua correção. O que está de acordo com a orientação do PT, ou seja, de não travar um combate aberto contra o Plano. Isso significa que o reformismo não pode se opor ao conjunto das medidas neoliberais contidas nesse Plano. O mais grave é que se utilizam dos argumentos da burguesia para concluir que os trabalhadores estão aceitando tais medidas. São incapazes de mostrar que o neoliberalismo significa a total abertura do mercado nacional ao capital estrangeiro, privatização, congelamento de salário, cortes drásticos nas verbas para os serviços sociais (saúde e educação) etc. Essa é a essência do Plano.

Assim, os delegados saíram desarmados perante a tarefa de derrubada do Plano. A defesa da unidade de todas as campanhas salariais era um passo importante para a realização do combate ao Plano Real. Mas nada disso foi aprovado. O professorado permaneceu na defensiva e o governo na ofensiva, isto é, livre para conti-

nuar impondo o arrocho salarial, desemprego em massa, privatização das estatais e cortes nos serviços públicos.

O problema educacional quase não foi debatido. A discussão do Plano Decenal se limitou a um debate. Uma boa parte dos delegados se manifestou contrária à demagogia do Plano Decenal, porém a diretoria os convenceu de que uma coisa é a denúncia das mentiras contidas no Plano e, outra, é a participação das entidades de classe nas reuniões propostas pelo governo. A CNTE e a CUT já vinham participando do Conselho Consultivo (órgão criado pelo Ministério da Educação) e se votou a continuidade dessa participação.

A nossa posição contrária se baseou no argumento de que o Plano Decenal é uma parte do plano neoliberal. Tem como objetivo central descentralizar o ensino (municipalizar) e ampliar as parcerias com as empresas privadas. O que na verdade prepara o terreno para a privatização da escola pública. A participação nos órgãos governamentais, que ajusta o plano, contribui para enfraquecer a organização independente dos trabalhadores. Acaba servindo unicamente para rebaixar as reivindicações do magistério. O exemplo do piso de 3 salário mínimos é a prova mais contundente.

Em relação às condições de vida do professorado e do sucateamento do ensino público e gratuito, reafirmou a "Campanha Educação no Centro das Atenções", antiga proposta de unidade com o empresariado (Fiesp, PNBE etc) para a defesa do ensino público e gratuito. Nada foi aprovado para a organização dos professores na defesa da sobrevivência. Se depender dessas resoluções, o magistério permanecerá na apatia, assistindo ao governo sucatear as escolas e implantar mais um Plano educacional reacionário, pois é uma proposta da ONU e UNIFECF (órgãos "humanitários" do imperialismo norte-americano).

Também foram aprovadas algumas mudanças no estatuto da Apeoesp. Um dos pontos mais polêmicos foi a emenda apresentada de que para participar dos cargos eletivos da Apeoesp é preciso ser professor habilitado. Isso dividiu o plenário e a diretoria propôs que esse assunto fosse recolocado no próximo Congresso. É importante lembrar que a nossa

categoria é composta em boa parte de PII e que a aprovação dessa emenda levará à exclusão dessa parcela do professorado.

Outra proposta aprovada foi a manutenção da comissão de ética, que armará a burocracia sindical contra as críticas da Oposição. É comum nos sindicatos já burocratizados criar mecanismos para barrar o direito de manifestação e expressão das diferentes correntes de opinião. As posições do PSTU (que defendeu à comissão de ética no Congresso Nacional da CUT) e de Causa Operária (que propunha uma comissão de controle, na verdade a mesma coisa que comissão de ética) serviram como instrumentos para que a diretoria os desmascarasse diante do Congresso e reafirmasse a tal desejada comissão de ética.

Como se vê, o Congresso da Apeoesp aprovou a linha da diretoria, que se expressa no amordaçamento da luta independente dos trabalhadores. Cabe aos professores mais conscientes debaterem a fundo as resoluções aprovadas, no sentido da construção da fração revolucionária no interior do sindicato. A Corrente Proletária é o embrião dessa fração. Conheça nossas posições programáticas. Participe das reuniões da Corrente Proletária.

Adquira o Balanço do XIII Congresso da Apeoesp e conheça as posições defendidas pela Corrente Proletária na Educação (tese 7).

Educação



# NATAL: Eleições para reitor na Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN)

Os estudantes da UFRN rejeitam a farsa democrática das eleições para Reitor, em que o critério de paridade da votação reduz a nada o peso social dos estudantes, que são a maioria. Em contrapartida, se defende o "voto universal", ou seja, uma pessoa um voto. O quadro docente da UFRN é composto por 1758 professores, os funcionários somam 3.905 e os estudantes. Os professores são a ultraminoria, por isso não podem ter a mesma influência que estudantes e funcionários.

Ocorre que as normas eleitorais e as condições são impostas pela burocracia universitária, dominada pelos professores corporativistas. Esta cúpula (reitoria, órgãos colegiados, etc), por sua vez, é uma correia de transmissão do Estado e da politicagem burguesa. Desta forma, as eleições não passam de formalidade, destinada a resolver a disputa de frações burocráticas dos docentes, como demonstra as várias candidaturas. Mesmo esta formalidade está sujeita a veto do governo, que dá a última palavra da lista apresentada, pós eleição.

## Eleição e crise universitária

A reação estudantil às manobras da burocracia universitária tem por base a situação de putrefação da UFRN. O sucateamento, o nível deplorável de ensino, o conteúdo obscurantista e anti-científico das disciplinas chegaram a seu limite. A universidade pública está falida. O que facilita os interesses privatistas de destruição do ensino público. Trata-se de conseqüências do sistema econô-

mico capitalista em decomposição e das pressões do imperialismo (planos neoliberais) para que o Estado se desobrigue dos serviços sociais. As verbas para a educação superior é um luxo, segundo a orientação do banco mundial (BIRD), que os países atrasados não podem mais arcar, uma vez que têm de continuar a pagar a enorme dívida externa e interna. Segundo o neo-liberalismo, o Estado falido deve se livrar de todo o peso de financiamento social, que além de desviar verbas para o bom funcionamento dos bancos, agiotas internacionais e nacionais, etc prejudica a exploração mercantil da educação, saúde, previdência, etc. Está aí o segredo porque as universidades estão sendo asfixiadas, com os professores ganhando um salário aviltante, e com a estrutura mais elementar de funcionamento emperrada.

Para o capitalismo decadente e sua burguesia a universidade já não tem função, principalmente para o imperialismo que condiciona as forças produtivas das semicolônias (países capitalistas atrasados). Pois bem, as eleições na UFRN devem servir de tribuna para os estudantes levantarem um programa de luta antiimperialista e anticapitalista. Não basta contrapor o critério de eleições gerais ao de eleições paritárias e parar por aí; pois se permaneceriam na mesma formalidade democrático burguesa.

## Ligar a plataforma democrática radical das reivindicações universitárias, à estratégia proletária de destruição do capitalismo.

A decadência da universidade e sua deformação burocrática-obscurantista expressam o capitalismo atrasado e sua desintegração. A educação se assenta na infraestrutura econômica e esta, extremamente concentrada e monopolizada, bloqueia o desenvolvimento das forças produtivas. É a contradição básica das forças produtivas com as relações capitalistas de produção, com suas particularidades próprias do país semicolonial, que anula a função científica da universidade e a desintegra.

A luta no interior desta só é revolucionária se se transforma em movimento antiimperialista e anticapitalista, dirigido pela classe operária. A luta democrática pelo controle da universidade pelas bases, impondo a autonomia universitária real ao governo e expulsando a burocracia retrógrada, é uma alavanca para avançar na tarefa de unir os estudantes ao prole-

tariado para destruir o capitalismo.

A defesa do critério universal de eleição perde sua função e se atola no democratismo se estiver desligada da conquista da soberania da Assembléia Universitária, que tem o poder de revogar o mandato da administração eleita e decidir sobre as grandes questões. O poder de decisão não pode nunca ser tirado das mãos da maioria mobilizada.

É inaceitável as normas burocráticas que qualificam os candidatos e o governo universitário. Este deve ser composto de forma tripartida pelos três setores, expressando a vontade da maioria social, composta pelos estudantes. Sem o governo tripartite, submetido à Assembléia Geral e a um programa de luta antiimperialista e anticapitalista, a Autonomia Universitária será ôca e impotente.

Também não se trata de ater o movimento a uma das universidades. É preciso estendê-lo por todo país e conflui-lo com o movimento geral dos explorados. A bandeira do ensino público e gratuito, confisco e destruição da toda escola particular, deve encabeçar a plataforma democrática e ser instrumento da estratégia da revolução proletária, do governo operário e camponês (ditadura proletária).

## DCE no caminho errado

É correto quando o DCE denuncia o critério do voto paritário e defende o "voto universal" contra a ditadura da minoria corporativista, comandada pelo Reitor e sua comissão de preposto. Porém, passa a negar o acerto quando torna fim em si mesma a bandeira de eleições universais e quando recorre à justiça burguesa para interpelar o Reitor por ter adiado as eleições e impedido a participação do DCE na Comissão de regulamentação. Não se combate a farsa democrática com um democratismo mais radical e muito menos com o auxílio do Estado burguês, do qual a justiça faz parte. A via é a da mobilização de massa, da ocupação da Universidade e das manifestações de rua. É preciso elaborar uma plataforma de luta pela Autonomia Universitária, assentada na Assembléia Universitária, pelo ensino gratuito e público, elevação dos salários dos professores, expulsão da burocracia corrompida e totalitária, por um ensino ligado à produção social, de fato científico, pela destruição da separação do trabalho manual e intelectual pela aliança operário-estudantil e pela revolução e ditadura do proletariado.



# A eleição de RDs na USP

Os representantes discentes (RDs) estão em ultraminoria nos organismos de poder da universidade. Quando se fizeram os estatutos, incluíram nos colegiados os RDs e representantes de funcionários numa proporção ainda menor para tentar legitimar as decisões autoritárias da burocracia universitária. As eleições são realizadas pelos organismos burocráticos, que controlam o processo.

A universidade não está à margem da sociedade, mas é parte dela. A luta entre as classes sociais se reflete na universidade através do conflito entre a burocracia universitária e a comunidade universitária, tendo à frente os alunos. Isto porque a burocracia universitária é canal de expressão dos interesses da burguesia na universidade. Hoje é a responsável pela aplicação do neoliberalismo na universidade pública, expresso na linha de sucateamento e privatização da pesquisa e do ensino. Os estudantes, que buscam a formação superior, chocam-se com a queda da qualidade do ensino e o autoritarismo da burocracia. Suas reivindicações os colocam na oposição à burocracia e são o principal elemento para a unificação com os funcionários e os professores com salários submetidos

ao arrocho. Sua luta caminha para a unificação com o movimento operário, que têm o mesmo inimigo (a burguesia) e interesses comuns.

Assim, a luta dos universitários coloca em questão quem manda na universidade, a questão do poder. A luta pelas reivindicações imediatas leva à luta pelo poder estudantil, que deve se manifestar nas assembléias universitárias de alunos, professores e funcionários e no governo tripartite com maioria estudantil. Esse é o conteúdo que procuramos dar à reforma universitária.

A eleição de RDs nesse quadro só tem sentido se for para denunciar a farsa da representação ultraminoritária, defender a reforma universitária, contrapor-se ao sucateamento da universidade pública, exigindo ensino público e gratuito para todos e fim do ensino privado, defender a ação direta dos estudantes e submeter-se à soberania das assembléias, a revogabilidade do mandato e levantar o programa revolucionário.

Educação

## Movimento Estudantil Caminhar rumo a consciência de classe

É de todo evidente que a juventude se encontra encurralada nas suas perspectivas e privada das condições elementares para seu pleno desenvolvimento. Falamos da juventude trabalhadora, golpeada pela crise capitalista, que lhe tira não apenas o direito ao estudo, como também lhe fecha o horizonte para o trabalho.

Neste aspecto chamamos a atenção contra as tentativas de isolar a massa estudantil da juventude trabalhadora excluída do ensino superior e uma enorme parte alijada de qualquer nível de estudo.

Neste quadro que se coloca diante de nós, observamos claramente uma etapa de destruição da escola e não de sua expansão, que atinge fundamentalmente o ensino público.

Vemos vários movimentos tentando defender o ensino público e gratuito de boa qualidade, porém alguns movimentos mentêm-se corporativistas, sendo um reflexo claro de suas direções e de suas orientações políticas. Mas, encontramos jovens estudantes sérios, cheios de energia e com vontade incrível para a mudança.

No último dia 03 de setembro, estudantes de Cosmópolis ligados a UBES realizaram uma reunião na EEPG "Francisco Cardona" em Artur Nogueira - SP, com a finalidade de auxiliar e orientar a formação da UMES. A reunião contou com a presença de representantes de todas as escolas da cidade. O representante da UBES, o estudante Barra, mostrou como se organizar uma UMES, bem como fazendo uma explanação das atividades conquistadas pelos estudantes de Cosmópolis. Já o presidente do grêmio Ivan, procurou ressaltar a importância do grêmio na escola

e sua total independência tanto em relação com a escola como com entidades políticas.

Por isso achamos que é responsabilidade dos jovens dar direção séria e correta às bandeiras de luta dos Grêmios Estudantis, que devem ser livres e independentes, bem como fazer com que sua entidade maior, a UBES, tenha uma direção sem estar atrelada a orientações aparelhistas, onde prevaleçam primeiro os interesses dos estudantes.

O que tem caracterizado o movimento estudantil é a crise de direção política. Comprova isso é a tremenda paralisia dos estudantes desde meados de 80, quebrada recentemente com as manifestações do impeachment e a jornada contra as altas mensalidades. Entretanto, essas ações longe de refletirem a superação da crise de direção mostram a política de conciliação de classe, que limita a ação direta.

Os estudantes devem estar atentos, defender a UBES na sua independência em relação aos governos e aos partidos burgueses, aprovar o método da ação direta e rejeitarem a política de conciliação parlamentar-eleitoralista, revitalizando todas as instâncias organizativas do movimento estudantil, através de campanhas de lutas e da convocação das assembléias.



# Abaixo a perseguição política da reitoria ao DCE-USP

Durante a greve dos professores e funcionários das universidades paulistas, os alunos invadiram os restaurantes central e da química. Do restaurante central, tomaram cerca de 2 toneladas de alimentos, que foram divididos entre os moradores do CRUSP para garantir a alimentação dos estudantes residentes no campus. Na química, os estudantes ocuparam o restaurante que havia sido aberto pela repressão policial aos piquetes e forçaram sua interdição. Foi uma mobilização de apoio à greve dos funcionários. Em ambas as vezes a posição do DCE era contrária à ocupação.

Agora a reitoria da USP e a Polícia Militar estão movendo um inquérito para apurar as responsabilidades sobre as invasões e a retirada dos alimentos do restaurante central. Já notificaram o DCE-USP, utilizando-se até da segurança do campus, para intimidação.

O ataque ao DCE tem como objetivo atacar o movimento estudantil. A tarefa dos estudantes é defender o DCE contra a perseguição política e denunciar a repressão. Defendemos a convocação de assembleias em todas as unidades e de uma assembleia geral de estudantes da USP para chamar a luta unitária e defesa do DCE, contra a repressão e em defesa da mobilização estudantil.

## Têxteis de São Paulo: derrotar os pelegos na assembleia para fazer uma campanha de luta

A diretoria pelega do sindicato convocou mal uma assembleia de início da campanha salarial no dia 4 de setembro. Além da diretoria, poucos trabalhadores compareceram. Os burocratas apresentaram uma pauta de reivindicações que não objetiva organizar a luta contra os patrões. Não dizem qual é o índice das perdas para reposição salarial. Não reivindicam a estabilidade no emprego para todos, só para os que entram em férias. O piso salarial pedido é de apenas 250 reais, uma miséria. Aceitam a implantação

dos turnos de revezamento de 5x1 e 6x2, que acabam com os finais de semana dos operários, aumentam a exploração do trabalho, sem nenhum custo adicional para os patrões. E impõem a taxa assistencial obrigatória aos trabalhadores, para sustentar o sindicato e suas maracutaias.

A importância das reivindicações é que elas servem para unir os trabalhadores para enfrentar os patrões. Por isso, é fundamental fixar a reposição das perdas num índice pelo qual a classe vai brigar unida. Exigir o fim das demissões e a estabilidade no emprego para todos. Reivindicar o salário mínimo real, de 550 reais e não a miséria de 250 reais. Lutar contra a superexploração dos turnos de 5x1 e 6x2. Exigir pagamento dobrado sobre as horas extras e de finais de semana.

Quanto à sustentação do sindicato, defendemos que ela deve ser pela

contribuição voluntária e consciente dos trabalhadores. Fazer uma campanha massiva de sindicalização. Isso é importante para manter a independência política e organizativa do sindicato em relação aos patrões. E fazer com que a direção do sindicato tenha que prestar contas aos trabalhadores que o sustentam. Por isso somos contra o assistencial obrigatório, que atrela o sindicato aos patrões e desliga a direção da categoria, favorecendo a corrupção política e econômica.

Para quebrar essa linha derrotista da Força Sindical, que dirige o sindicato, os trabalhadores devem comparecer massivamente às assembleias e deliberar pela campanha de luta, mudança da pauta, fim do assistencial e eleição de um comando de greve escolhido na assembleia para dirigir a luta, acima da diretoria do sindicato.

## Curso de Marxismo para Operários: alavanca para a luta política do proletariado

Na discussão realizada na quinzena passada, foram discutidos os conceitos de meios de produção e força de trabalho. Os operários precisam entender o seu papel nas relações de produção. O Curso de Marxismo para Operários, baseado na discussão a respeito de suas experiências ajuda a conscientizar os assalariados que o único meio que possuem para sobreviver é vender sua força de trabalho. Os companheiros concluem que não pode ser mais assim: o salário já não dá para sobreviver.

Durante a discussão, discutiu-se a divisão social do trabalho, a subordinação do trabalhador à máquina, e que o produto do trabalho é o esforço de todos os companheiros da fábrica. O produto do seu trabalho, que é coletivo, é apropriado individualmente pelo patrão. Isso é a mais valia, de onde o patrão tira seu lucro. Assim acontece a exploração do trabalho.

Concluiu-se pela necessidade da luta pelo fim da propriedade privada dos meios de produção e em defesa da coletivização desses meios, ou seja, pela destruição do capitalismo e implantação do socialismo.

Denúncia



Movimento Operário

## Teka - Osasco (SP) - Operários têxteis em pé de guerra

A crise econômica que se aprofunda no Brasil leva de rodão a população, para o fundo do poço; menos uma minoria de exploradores que continua a sugar a força de trabalho dos operários. E não é diferente em cada rincão deste país.

Em Artur Nogueira, bastou para que os operários têxteis da Teka comentassem sobre os baixos salários e a super exploração através do aumento da produtividade para que as chefias se vissem encurraladas sem condições de dar qualquer explicação sobre as perdas salariais.

Todos sabem que existe uma Reivindicação de 11% (que é um índice baixo) proposto pelo sindicato pelego que vive de conchavos com os patrões e que por isso não merecem nossa confiança. Algumas fábricas já concederam 10% (uma miséria), no mês retrasado, e aí qual o animo que se tem para lutar por uma reivindicação de 1%. Tudo é feito justamente para desmoralizar, desmotivar e humilhar os operários.

Basta atentarmos para o fato de que, após ter sido realizado as primeiras reuniões para a formação do comitê de greve, e as primeiras informações de que haveria a paralisação na fábrica, para que a direção patronal reforçasse o esquema de repressão, aumentando o número de seguranças e acionando a Polícia Militar, órgão repressor do Estado a serviço dos patrões, para intimidar qualquer movimento na porta da fábrica. As ameaças de demissão é uma constante, sem contar com os dedos duros (que parece uma praga dentro da fábrica), que estão sempre tentando capitalizar nas desgraças de alguns seu próprio bem estar individual.

Não só os baixos salários estão corroendo a vida dos operários, como também todo o esquema super explorador do trabalho dentro da fábrica, porém os operários não são máquinas e não conseguem acompanhar o ritmo da produção. Esta é uma das grandes contradições do sistema capitalista, pois as máquinas que vieram para aumentar a produtividade, não servem para beneficiar a classe operária, mas sim para subjugar cada vez mais na escravidão moderna, haja vista que, em parte, tira o emprego do operário, e não diminui sua jornada de trabalho, muito pelo contrário, só faz aumentá-la com as horas extras.

Constantemente, tem-se exemplos de operários com problemas de doença, isto sem contar os problemas psicológicos que são passadas às operárias, mostrando-lhes que são inúteis, fracas, pois muitas não conseguem, dar "produtividade" e as que conseguem cedo ou tarde, acabam afrouxando diante do stress, doença típica do sistema capitalista que degenera os sentimentos humanos. Para se ter uma idéia desta exploração, todo operário tem direito a 4 consultas médicas pela UNIMED, após este número, tem-se de pagar

uma guia no valor de R\$ 2.50, quando cada operário (auxiliar, abastecedor e revisor) ganha apenas R\$ 0.63 a 0.78/hora, e mesmo assim, em muitos casos, o DP não aceita o atestado médico. Outro caso interessante é que, mesmo tendo um aumento de produtividade (quando o normal já é uma exploração), os operários não conseguem ver este ganho nos hollerith.

Sujeitos a todas estas perseguições, os operários da TEKA, através de seu comando de greve, que ainda está em construção, devido a falta de experiências, e da não participação de um sindicato de luta, confeccionaram um panfleto conclamando a todos os funcionários a se organizarem e mostrando que mesmo com a falta de experiência, há um amadurecimento político claro, repudiando a ajuda de "políticos que aí estão e que virão", e também criticando as direções do PT que estão preocupadas simplesmente em arrebanhar eleitores para suas candidaturas. Prova maior que se tem é que os operários comentam que, diante de um plano como o FHC, as direções políticas do PT mostram uma total falta de compromisso e omissão diante do arrocho salarial e preços elevados, ficando apenas nas críticas com palavras ocas, sem nenhuma mobilização por parte dos sindicatos que estão ligados à CUT.

Este movimento que vem do interior da fábrica, germinando pouco a pouco na consciência de cada operário, apesar de todas as perseguições, crescerá na medida que esta unidade for se fortalecendo, tendo como meta a luta contra a pena de morte econômica (que atinge a todos os explorados), o fim do desemprego, a reposição de todos as perdas, que se lute pela escala móvel de reajuste, pela redução imediata da jornada de trabalho par 6 horas sem perda salarial, pelo fim da jornada de produtividade, que diminui a vida dos operários.

Que se construa o Comitê de Greve, chamemos a reposição de todas as perdas salariais e estejamos unidas na perspectiva da greve. Sem esta compreensão e luta, estaremos fadados a ver nossos companheiros (e a nós mesmos) enxotados pelas demissões, e quem ficar tentará sobreviver com o medo de mais cedo ou tarde ser demitido ou trabalhar com um salário de fome.

### Reativação da Sociedade de Amigos de do Bairro da Liberdade

A Sociedade de Amigos do Bairro da Liberdade, com alguns anos de existência, retomou suas atividades no mês de agosto com uma nova diretoria, cujos objetivos deixam de ser assistencialistas, tornando-se de luta por reivindicações da população. Algumas já foram detectadas pelos associados: melhoria das moradias coletivas, que são inúmeras na rua Castro Alves e redondezas e que necessitam urgentemente de infra-estrutura, abertura de um sacolão municipal que venha beneficiar a todos, área de lazer para crianças e jovens, construção de uma escada de acesso que ligue uma pista da rua Vergueiro à outra, em frente à rua Castro Alves.

Essa é uma reivindicação antiga e tida como prioritária para os moradores. Por essa razão, um abaixo

assinado já está circulando pelo bairro. Este deve servir de motivo para mobilizar coletivamente o bairro.

Atualmente as reuniões são realizadas mensalmente no Sindicato dos Condutores, na rua Pirapitingui e ainda são poucos os moradores que efetivamente delas participam, pois o caráter assistencialista que a sociedade sempre teve fez com que a comunidade acostumasse a comparecer somente nos dias de distribuição de gêneros alimentícios, roupas, etc.

Necessário é que a população trabalhadora se organize, rejeitando o assistencialismo e enganações oferecidas pelo governo burguês que assim tenta afastar o povo de sua verdadeira forma de reivindicar: a luta direta e independente.

Movimento Operário



# Algumas Observações acerca de "O Trotskismo na América Latina", de Oswaldo Coggiola

De maneira obrigada se reconhece a enorme importância do POR Boliviano no plano internacional

O último escrito de Coggiola, considerado por alguns como especialista no Trotskismo, não oculta a admiração do autor sobre o realizado pelo POR Boliviano, que praticamente se converteu no partido trotskista de maior importância mundial. Seguramente, muitos poderiam esperar que por serem elogiados, teríamos de dizer que o folheto de Coggiola é admirável, cheio de virtudes e de acertos. Entretanto, a honestidade intelectual nos obriga a assinalar as deficiências na análise da atividade do POR e, também, que tem inúmeras imprecisões nos dados que proporciona.

É uma lástima que aqueles que se reivindicam da ideologia trotskista e permanecem presos a algumas organizações que se reivindicam do movimento quarta-internacionalista não consigam alcançar, em matéria de informação séria, o nível do norteamericano Robert Alexander, que, para ninguém é mistério, ideologicamente está muito distante do marxismo.

O escrito de Coggiola tem muito de crônica periodística e se limita a apontar alguns êxitos do POR Boliviano, sem tomar o cuidado de buscar a explicação do sucedi-

do num país que se caracteriza por seu enorme atraso cultural, pelo pouco número do proletariado. Seguramente, neste plano o dado mais importante é o fato de que o POR apareceu em cena bastante tarde e que teve como professores os movimentos trotskistas do Chile e da Argentina.

## As razões da superficialidade com que Coggiola trata o problema

Não conhecemos de Coggiola nenhum trabalho que seja testemunho de profundidade marxista, porém isto não nos autoriza sustentar que não tivesse alcançado domínio do método do materialismo histórico em sua atividade universitária, onde aparece como um elemento visível por trabalhos de alguma amplitude.

Porém, quando escreve sobre a história do trotskismo, aflora a superficialidade com que trata o tema e uma espécie de oportunismo encaminhado a potenciar artificialmente a uma corrente que não conseguiu dominar o marxismo e que tampouco tem possibilidades de ocupar, por exemplo, o vazio que tem deixado o morenismo como direção trotskista internacional, devido a sua precipitada queda. Estamos nos referindo aos seguidores do portenho Altamira e que, de alguma forma, não passa de uma réplica buenairense dessa espécie de caricatura política que foi Posadas.

Por exemplo, não pode menos que provocar risadas a afirmação de que os acertos do POR tem sido indiscutíveis até o momento em que chega o esgotamento da Tendência Quarta Internacionalista (TQI) e que o POR o declara dessa maneira. Para Coggiola, trata-se de uma explosão inesperada "de messianismo nacionalista, que consiste em apresentar a revolução latino-americana como projeção da revolução boliviana, e a esta como resultado da atividade do POR (e de G. Lora em particular) sobre a ditadura do proletariado"

Em oposição, apresenta PO com um legado de virtudes e de acertos políticos. A intenção é clara: quer-se despertar no leitor a suposição de que o PO argentino dirigiu por um bom tempo o trotskismo boliviano, até o momento em que este último deu-lhe um pontapé no "gauchito" (refere-se a gaúcho, homem dos pampas argentino). Todas essas afirmações não passam de tontices, que obstaculizam a correta compreensão da evolução, dos acertos e dos erros do trotskismo internacional.

Independentemente das limitações e acertos intelectuais de Coggiola, é indubitável seu oportunismo voltado a ganhar um bom lugar na insignificante organização política que dirige Altamira. Este tremendo defeito invalida a importância que poderia ter tido o publicado pelo suposto especialista no trotskismo.

## A verdadeira interpretação da evolução do trotskismo na Bolívia e América Latina

Somente muito tarde se tem feito esforços, incluindo a atividade de investigação de sua própria história por parte do POR Boliviano. Entretanto, as publicações das "Obras Completas" de Guillermo Lora têm comprovado o esforço que se faz para explicar as verdadeiras razões do surpreendente êxito do trotskismo na Bolívia.

Em síntese, o trotskismo pôde converter-se na corrente política que atua desde o seio das massas, como uma força poderosa que não deixa de transformar a história e a cultura nacionais, porque, por uma série de razões, os trotskistas assimilaram o marxismo no seio dos trabalhadores e na atividade com eles, buscando projetar politicamente o que era instinto, experiência na luta e busca de soluções por parte das massas.

(Extraído da Colmena n. 1087, setembro/94- Bolívia- Guillermo Lora)



## Conferência do Cairo

A Conferência do Cairo objetiva aprovar o denominado "Programa de Ação", cujo fundamento principal é limitar o crescimento populacional. Temas como a defesa da mulher são um enfeite para o assunto principal: esterilização, controle da fertilidade e aborto. As principais potências, tendo os Estados Unidos à frente, se conflitam com as posições do Vaticano e dos muçulmanos, contrários ao aborto e outras formas de redução da natalidade. Nenhuma dessas forças pode apontar as causas essenciais do saque da natureza, da fome, do crescimento da pobreza e da opressão sobre a mulher.

Tanto as potências imperialistas quanto as Igrejas estão preocupadas em manter o regime econômico capitalista, fonte de toda exploração das massas, da opressão nacional e de todo flagelo social, inclusive a expansão das doenças que dizimam em massa. A burguesia internacional e seus governos agem em favor da derrubada da natalidade tendo em vista a agudização da crise social e o perigo que esta oferece à existência da economia capitalista. As Igrejas, sempre aliadas ao poder burguês, se alicerçam no obscurantismo e na manutenção da opressão feminina, típica de qualquer sociedade de classe.

### Crescimento populacional e capitalismo

Desde a década de 70, com a Conferência de Bucareste, o imperialismo vem pressionando os países capitalistas de economia atrasada (semicolônias), que abarcam a maioria populacional do mundo, a derrubarem a taxa de natalidade através da esterilização e anticoncepcionais.

Nações como Brasil, Colômbia, Zimbábue, Tailândia etc derrubaram drasticamente a taxa de natalidade.

A tese do imperialismo é de que os países atrasados não podem permitir a continuidade do crescimento da população empobrecida e de que a natureza não comporta uma população tão grande. Embora a suposição feita pelo inglês Maltus, na primeira metade do século XIX, de que a causa da miséria residia na insuficiência da produção alimentar tenha sido desmentida pelo excesso de alimentos (superprodução), se retoma a idéia absurda com o argumento do esgotamento da natureza devido ao número de pessoas.

Um outro falso pressuposto é de que o crescimento populacional corresponde ao crescimento do desemprego e da miséria. Os próprios dados apresentados no Relatório desmentem: existem um bilhão e cem milhões (1,1 bilhão) de trabalhadores vivendo com renda diária de apenas 1 dólar. Tamanha pobreza é fruto da violenta exploração do trabalho pela minoria capitalista insignificante em relação à população mundial de 5,66 bilhões.

Embora tenha caído a taxa de nascimento na América Latina, o continente tem se tornado mais pobre e as massas passam mais fome. Em contrapartida, tem crescido a concentração de riqueza, propriedade e consumo da ultra minoria burguesa. A Argentina que ostentava uma situação relativamente melhor teve um salto de 2% para 7% no número de indigentes nos últimos 10 anos. E ninguém pode dizer que há excesso populacional. Os dados da CEPAL indicam que, neste mesmo período,

cresceu no continente o número de miseráveis em 60 milhões. A África, submetida tanto quanto à América Latina aos credores internacionais, regrediu na sua capacidade econômica, tamanho o saque das potências e o bloqueio do mercado mundial. Entretanto, os indicadores econômicos das 7 potências revelam excesso de produção, que se converte em crise de superprodução. Isto se refere inclusive à produção alimentar. Os Estados Unidos exigem que a França quebre parte de sua agricultura, reduzindo em 20% a área de plantio, para proteger sua agricultura abarrotada e manter os preços internacionais elevados. Como vemos, o problema da pobreza e do saque da natureza não está no crescimento populacional e sim no modo capitalista de exploração do trabalho, em que a produção se potenciou pelo trabalho coletivo dos operários e pela tecnologia, mas que é apropriada pela minoria burguesa que esmaga as massas mundialmente e oprime a maioria das nações atrasadas. (No próximo número daremos continuidade à esta análise)

Internacional



## México: Ensinamentos das eleições: Destino do revisionismo posadista-pablista

Cárdenas, líder do Partido da Revolução Democrática - que nome sugestivo! - diz que luta pela "paz, democracia e legalidade". Semeou ilusões acerca da legitimidade das eleições (votaram 70% do eleitorado) e, depois de ter sido derrotado, denuncia uma descomunal fraude.

No Partido Revolucionário Democrático de Cárdenas existe um amplo arco-íris centrista democratizante. Os pablistas se incrustaram no seu seio pelo medo de ficar totalmente isolados. O elemento visível é Adolfo Gilly, que passou pelo posadismo, para concluir no Secretariado Unificado, que agrupa aos elementos mais diversos, incluindo aos que se declaram estranhos ao trotskismo. O pablismo mudou de conteúdo de classe quando se declarou foquista e proclamou a teoria dos novos atores da revolução,

referindo-se aos estudantes que poderiam substituir a classe operária.

Cárdenas se declara defensor da propriedade privada e do "direito" das transnacionais de explorar e oprimir o México.

Os "esquerdistas" que se submetem à política oportunista e colaboracionista são traidores da causa do povo.

É preciso recomendar ao EZLN (zapatista) que tenha a coragem e a inteligência suficientes para tirar as lições da impostura eleitoral.

(Os pablistas no Brasil são representados pela Democracia Socialista (DS), que edita o Jornal "Em Tempo" e se encontra diluída no interior da Frente Popular da candidatura Lula. Pablismo se refere a Michel Pablo, responsável pela revisão do trotskismo e capitulação frente ao estalismo).

# Defendamos a nação oprimida Haiti contra a intervenção militar imperialista

Os Estados Unidos não desistem do objetivo de intervenção no Haiti. Utilizando-se da mesma política de apoio multilateral aplicada na Guerra contra o Iraque, intervenção na Somália e ameaça contra a Coreia do Norte, preparam as condições para a invasão da ilha caribenha. Para fortalecer suas posições reacionárias, a potência dona do mundo procura aglutinar os países da América Central e da Latinoamérica. Todos os esforços do governo Clinton se concentra no objetivo de formar uma força militar multinacional, que esmague a resistência do povo haitiano.

O Comunicado da Comunidade do Caribe indica que a Jamaica, Barbados, Trinidad Tobago etc já se colocaram sob a orientação militar do imperialismo. Porto Rico, onde os Estados Unidos têm uma base militar, tem servido de ponto de apoio estratégico para a preparação das tropas invasoras. Da América Latina, o presidente norte-americano obteve apoio de Menem, da Argentina. Os demais países resistem em se colocar sob o comando dos Estados Unidos e advogam a chamada "saída pacífica".

Tudo indica que o assalto à ilha só não ocorreu devido à resistência dos demais Governos latino-americanos em se colocar abertamente pelo apoio. O Encontro do Rio (10 de setembro), que reúne vários governos latino-americanos e do México, aprovou uma moção de "solução pacífica para a crise no Haiti", assinada inclusive por Menem sob intensa pressão. Esse resultado comprova que as dificuldades do imperialismo de alcançar unanimidade permanece. Entretanto, a "solução pacífica" significa destruir a débil economia do Haiti com a permanência do bloqueio econômico e remover a ditadura com pressões diplomáticas. O que demonstra que os governos latino-americanos não tomaram de fato uma posição antiimperialista e não poderiam fazê-lo uma vez que mantêm seus países sob às ordens dos banqueiros internacionais e seus organismos como o FMI, BIRD, ONU etc.

É preciso lembrar como o imperialismo derrotou a revolução nicaraguense. De um lado, os Estados Unidos pressionaram militarmente e, de outro, os governos do grupo de Contadora (latino-americanos), tendo por detrás a socialdemocracia européia (França, Alemanha, etc) trabalharam para restabelecer a velha ordem.

Porque a classe operária deve se opor à invasão e defender a autodeterminação dos povos

O imperialismo é a etapa mais avançada do capitalismo mundial. Esta se caracteriza pela alta concentração de riquezas, domínio do capital financeiro e prepotência bélica de um punhado de países. Por isso mesmo, é uma fase de desintegração econômica, de guerras e revoluções. Eis o que empurra o imperialismo a intervir e provocar atritos no mundo todo. Os preparativos de invasão do Haiti é mais um dos acontecimentos mundiais, ao lado do Oriente Médio, Somália, Ruanda, Iugoslávia, Coreia do Norte etc. O lobo se veste de cordeiro. Diz que é necessário derrubar à força a ditadura militar que substituiu, através de um golpe, o presidente Jean Bertrand Aristide, em setembro de 1991, e assim restabelecer a democracia. Na realidade, não é a democracia burguesa que está em jogo. Basta recordar que foram os Estados Unidos que provocaram vários golpes sangrentos no continente, como no Chile, Argentina, Brasil etc.

O motivo está sendo utilizado por necessidade do imperialismo reforçar seu poderio militar no interior da América Central e da Latinoamérica. O capitalismo apodrece aceleradamente e dá lugar a convulsões sociais e nacionais. As tendências apontam para o recrudescimento da luta de classes e de choque entre as nações de economia atrasada (semicoloniais) e o imperialismo. Não é por acaso que Clinton aperta o cerco sobre Cuba e pressiona vários governos latino-americanos para que permitam a instalação de bases militares e colaborem com a estratégia intervencionista.

Na Bolívia, a pretexto do Narcotráfico, os agentes militares norte-americanos controlam o país com seus possantes aviões. Preparam comandos de elite para enfrentar a revolta camponesa e, mais estrategicamente, a contra revolução.

As burguesias nacionais latino-americanas não têm como breca a crescente ofensiva econômica, política e militar dos Estados Unidos e seus aliados. O proletariado sim tem em suas mãos a tarefa de organizar a maioria nacional oprimida, que inclui a massa camponesa, contra os explorados internos e externos. A bandeira de autodeterminação dos povos é um instrumento para avançar a luta antiimperialista e anticapitalista. Ela ganha força frente a iminente ocupação do Haiti pelas tropas estrangeiras. Responde ao princípio de que a derrubada da ditadura cabe à massas oprimidas do Haiti e não às forças externas, que se utilizarão do poder para reforçar a opressão nacional sobre todo continente americano.

Contra a intervenção militar do imperialismo, trata-se de defender o armamento geral dos povos. A melhor forma de defender o Haiti é mobilizarmos em nosso próprio país, levantando a bandeira da luta antiimperialista.

